



A construção da ponte Jorge Amado e a dinâmica socioespacial do bairro Cidade Nova em Ilhéus (BA): reflexões preliminares sobre o espaço-tempo na cidade

Luana Carolina Alves Rocha Arrais¹

Maria Cristina Rangel²

© Geografia Grapiúna
2026



Este trabalho está
licenciado sob uma
licença [Creative
Commons Attribution
4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Aceito: 29/ 06/ 2026

RESUMO

A construção de obras de engenharia de grande porte tende a modificar a organização socioespacial dos territórios. Em Ilhéus (BA), a ponte estaiada Jorge Amado configura-se como um vetor de reestruturação urbana. Um exemplo disso são as transformações em curso no bairro Cidade Nova, que, embora de função primordialmente residencial e historicamente associado às famílias da elite cacauzeira, passa por mudanças significativas em suas dinâmicas materiais e simbólicas. Este artigo apresenta reflexões teórico-metodológicas preliminares para analisar as mudanças ocorridas no bairro ao longo do tempo, com ênfase especial no período posterior a 2022, ano de inauguração da referida ponte. Para tanto, parte-se de uma revisão bibliográfica fundamentada em autores como Maria Geralda de Almeida (2004), Aníbal Quijano (2005), Milton Santos (2002, 2006, 2008), Claude Raffestin (2004), Marcelo Lopes de Souza (2020), Paul Thompson (1998) e Rogério Haesbaert (2004), com o intuito de articular conceitos-chave como paisagem, território, lugar, colonialidade do poder e disputas socioespaciais. Metodologicamente, propõe-se uma abordagem qualitativa baseada na análise documental, observação de campo e história oral. Conclui-se que a ponte deve ser interpretada como um elemento ao mesmo tempo material, simbólico e político, capaz de reorganizar territorialidades, alterar as percepções da paisagem e atualizar hierarquias sociais no espaço urbano.

Palavras-chave: Organização socioespacial; territorialidades; paisagem; espaço urbano.

The construction of the Jorge Amado bridge and the socio-spatial dynamics of Cidade Nova neighborhood in Ilhéus (BA): preliminary reflections on space-time in the city

ABSTRACT

The construction of large-scale engineering works tends to modify the socio-spatial organization of territories. In Ilhéus (BA), the Jorge Amado cable-stayed bridge is a vector of urban restructuring. An example of this is the ongoing transformations in the Cidade Nova neighborhood, which, although primarily residential and historically associated with the families of the cocoa elite, is undergoing significant changes in its material and symbolic dynamics. This article presents preliminary theoretical and methodological reflections to analyze the changes that have occurred in the neighborhood over time, with special emphasis on the period after 2022, the year of the inauguration of the aforementioned bridge. To this end, it starts from a bibliographic review based on authors such as Maria Geralda de Almeida (2004), Aníbal Quijano (2005), Milton Santos (2002, 2006, 2008), Claude Raffestin (2004), Marcelo Lopes de Souza (2020), Paul Thompson (1998) and Rogério Haesbaert (2004), with the aim of articulating key concepts such as landscape, territory, place, coloniality of power and socio-spatial disputes. Methodologically, a qualitative approach is proposed based on document analysis, field observation, and oral history. It is concluded that the bridge should be interpreted as an element that is simultaneously material, symbolic, and political, capable of reorganizing territorialities, altering perceptions of the landscape, and updating social hierarchies in urban space.

Keywords: Socio-spatial organization; territorialities; landscape; urban space.

¹ Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PROGEO) pela UESC. Professora da rede municipal de Ilhéus, BA. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3803-5518>. E-mail: lcarrarais.progeo@uesc.br

² Doutora em Geografia, Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4945-4185>. E-mail: crisrangel@uesc.br

INTRODUÇÃO

Ao ler a introdução de História da Cidade, Leonardo Benevolo (1999) nos lembra que a história da cidade é a história do ambiente construído, expressando a aventura humana em uma paisagem que “corrige continuamente suas formas provisórias” (p. 26). Cada cidade, portanto, se configura a partir de seu contexto histórico e dos acúmulos de tempo materializados em suas formas e objetos técnicos (Santos; Silveira, 2002). Nesse sentido, o desenho urbano corresponde aos valores reais e simbólicos de seu tempo, às necessidades, às técnicas e relações humanas de cada período. As primeiras cidades mesopotâmicas, por exemplo, desconheciam o automóvel, e, portanto, não podiam pensar nos traçados viários considerando a existência do carro, mas já organizavam espacialmente o local do sagrado e do poder – demarcando, por exclusão, o lugar dos menos poderosos.

Ilhéus, que completou 492 anos em 2026, materializa em seu espaço essa lógica histórica de poder. Seu território acumula camadas de memórias: a negação dos povos indígenas, quase invisibilizados; a opacidade dos africanos escravizados, progressivamente relegados às periferias; e a presença marcante da concepção urbana do colonizador, evidenciada na monumentalidade de igrejas estrategicamente posicionadas em locais elevados, como a Igreja de Nossa Senhora da Vitória e a Igreja de Nossa Senhora da Piedade, ou de grande circulação de pessoas, como a Catedral de São Sebastião. Até mesmo as repartições e nomeações urbanas – ruas, praças, jardins – não derivam de referências ancestrais, mas foram importadas com o colonizador, adaptando-se ao presente e projetando-se no futuro.

É a partir dessa premissa que nos dedicamos ao estudo de uma dessas repartições: o bairro. Definido como um recorte espacial delimitado por vias e organizado segundo usos do solo que variam no tempo, o bairro pode emergir de forma espontânea, fruto de apropriações cotidianas para moradia, comércio ou lazer. Nessas dinâmicas, os moradores constroem casas, relações e referências simbólicas, sem necessariamente seguir uma lógica previamente planejada – processo que Milton Santos (2006) compreende como a indissociabilidade entre sistemas de objetos e sistemas de ações.

Contudo, o bairro Cidade Nova, em Ilhéus, não seguiu essa gênese espontânea. Planejado na década de 1920, ele nasceu da prancheta de um arquiteto, organizado geometricamente em quadrados, triângulos e retângulos que se cruzam como um tabuleiro de xadrez. Sua concepção materializa a máxima de que “a forma é o suporte do exercício exato da função” (Foucault, 2008, p. 24), atribuindo a cada elemento – ruas,

praças, igreja, hospital, clube social – um lugar e uma função predeterminados, conforme o ideal moderno de ordem e disciplinamento espacial. Para Foucault (2008, p. 23), esse tipo de desenho urbano materializa e reforça uma ordem social, distribuindo hierarquias no espaço.

Além de sua dimensão funcional, os bairros atribuem identidade aos seus moradores. O nome “Cidade Nova” opõe-se deliberadamente à “Cidade Velha”, o núcleo colonial de traçado irregular e ruas estreitas, que já não representava o ideal de modernidade e prestígio almejado pela elite cacaueira. Morar no Cidade Nova tornou-se, assim, um marcador de status, facilitando relações sociais e comerciais no início do século XX.

Contíguo ao centro histórico, o bairro vem passando por transformações profundas. De espaço residencial fixo, com vínculos intergeracionais e relações de vizinhança estáveis, está se convertendo em área de população flutuante, voltada sobretudo ao comércio e aos serviços. Observa-se que, durante o dia, suas ruas se transformam em estacionamentos; à noite, esvaziam-se, adquirindo um aspecto “deserto”, conforme relatam seus moradores.

Essa dinâmica intensificou-se após a inauguração da Ponte Jorge Amado, em 2022, que reestruturou os fluxos urbanos e alterou a centralidade do bairro, conectando-o diretamente à zona sul. A ponte redefiniu a relação dos moradores com a paisagem, produzindo novos sentidos sociais, econômicos e simbólicos – processo que se aproxima do que Maria Geralda de Almeida (2004) chama de “reinvenção da natureza”, em que a paisagem é reinterpretada culturalmente a partir de novas práticas. Para a autora, “a natureza é uma invenção cultural, uma construção simbólica que expressa o modo como os grupos sociais se percebem e se situam no mundo” (p. 42). A ponte, portanto, não é apenas um objeto técnico, mas uma mediação que reorganiza práticas e percepções.

A paisagem, enquanto construção material e simbólica, revela justamente esse entrelaçamento entre cultura, técnica e espaço, traduzindo novas racionalidades ligadas à circulação, ao turismo e ao consumo (Almeida, 2004; Cosgrove, 1998). Em diálogo com Yi-Fu Tuan (2013), tais transformações impactam a experiência do lugar: o bairro deixa de ser prioritariamente espaço de residência e memória para se tornar espaço de passagem e serviço, fragilizando vínculos afetivos e identitários.

Diante dessas transformações, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão: de que maneira a construção da Ponte Jorge Amado tem contribuído para a reconfiguração da dinâmica socioespacial do bairro Cidade Nova, em Ilhéus (BA),

especialmente no que se refere às transformações do uso do solo, da paisagem, das territorialidades e da transição de um perfil predominantemente residencial para comercial e de serviços?

Parte-se da hipótese de que a implantação da Ponte Jorge Amado intensificou os fluxos de circulação de pessoas, mercadorias e investimentos, promovendo a valorização imobiliária e a reorganização dos usos do solo no bairro Cidade Nova. Como consequência, o bairro passou por um processo de transição de seu perfil predominantemente residencial para uma área marcada pela expansão das atividades comerciais e de serviços, alterando a paisagem, as territorialidades, as relações de pertencimento e sua dinâmica socioespacial.

Com o objetivo de responder à questão de pesquisa e verificar a hipótese formulada, este estudo busca compreender como a construção da Ponte Jorge Amado tem contribuído para a reconfiguração da dinâmica socioespacial do bairro Cidade Nova, em Ilhéus (BA). Para tanto, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos:

- Revisão bibliográfica sobre transformações socioespaciais, paisagem, lugar, território e categorias filosóficas como tempo, forma, função, conteúdo e processo;
- Entrevistas semiestruturadas com moradores antigos (residindo há mais de 10 anos no bairro), ex-moradores, donos de imobiliárias e lideranças locais, selecionados pelo método Bola de Neve (Vinuto, 2014);
- Análise da planta urbana, reconstruída a partir de fotografias e documentos antigos, bem como produção de planta atual via Google Earth Pro, permitindo comparação entre passado e presente;
- Mapeamento das atividades comerciais, de serviços e residenciais, com base no levantamento de campo;
- Análise de Conteúdo (Bardin, 2016) para compreender como os moradores vivenciam e interpretam as mudanças no bairro.

Ao articular tempo, espaço e prática social, busca-se compreender como a Cidade Nova – planejada para expressar ordem e modernidade – foi reinterpretada ao longo das décadas, revelando tensões entre o projetado e o vivido, o tradicional e o contemporâneo, o residencial e o comercial. A investigação permite compreender como formas, funções e conteúdos se reorganizam na paisagem, expressando processos de modernização, circulação, memória e identidade que caracterizam a dinâmica socioespacial do bairro.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa possui abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, fundamentada nos pressupostos da Geografia Urbana e da produção social do espaço. O estudo busca compreender de que maneira a construção da Ponte Jorge Amado tem contribuído para a reconfiguração da dinâmica socioespacial do bairro Cidade Nova, no município de Ilhéus (BA), articulando diferentes procedimentos metodológicos capazes de integrar aspectos históricos, territoriais, econômicos e simbólicos das transformações urbanas em curso. A área de estudo corresponde ao bairro Cidade Nova, localizado na região central do município e delimitado conforme o Plano Diretor Participativo de Ilhéus (Lei Municipal nº 3.983/2018). A escolha dessa área justifica-se por sua posição estratégica junto ao acesso da Ponte Jorge Amado e pelas alterações observadas no uso e na ocupação do solo após a implantação da infraestrutura viária. A pesquisa encontra-se em desenvolvimento, sendo realizada entre os anos de 2025 e 2026.

Os procedimentos metodológicos compreendem levantamento bibliográfico, pesquisa documental, observações sistemáticas de campo, registros fotográficos, mapeamento urbano, análise cartográfica e iconográfica, além da realização de entrevistas semiestruturadas. O levantamento bibliográfico fundamenta-se em autores que discutem a produção do espaço, território, paisagem, lugar, centralidade urbana, infraestrutura, mobilidade e valorização imobiliária, tendo como principais referências Santos (2006; 2008), Lefebvre (1974), Raffestin (1993), Harvey (2006; 2011), Corrêa (1995), Haesbaert (2004), Tuan (2013) e Almeida (2004). Paralelamente, a pesquisa documental contempla a análise de plantas urbanas históricas, fotografias antigas, registros cartográficos, legislação municipal, Plano Diretor Participativo de Ilhéus, documentos oficiais referentes à construção da Ponte Jorge Amado, dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e demais documentos relacionados à evolução urbana do município.

As atividades de campo concentram-se nos principais eixos viários e nas áreas residenciais, comerciais e de serviços do bairro Cidade Nova, com especial atenção às vias diretamente influenciadas pela ponte. Durante essas incursões são realizadas observações sistemáticas da paisagem urbana, contemplando a identificação das transformações nas edificações, das mudanças no uso do solo, da dinâmica dos fluxos de veículos e pedestres, da instalação de novos empreendimentos comerciais e de serviços e da implantação de equipamentos públicos. Os registros fotográficos produzidos durante as visitas constituem importante fonte de documentação e análise das transformações

espaciais observadas, permitindo subsidiar interpretações acerca da reorganização do espaço urbano.

Complementarmente, realiza-se o mapeamento do uso e da ocupação do solo, classificando os imóveis conforme sua função predominante — residencial, comercial, mista, institucional ou de serviços. Esse levantamento é elaborado a partir de observações *in loco*, registros fotográficos, imagens de satélite obtidas por meio do Google Earth Pro e conferência em campo, possibilitando a comparação entre a configuração urbana atual e registros históricos do bairro. A análise cartográfica e iconográfica utiliza mapas históricos, fotografias aéreas e imagens de satélite para identificar permanências, alterações da forma urbana, mudanças nas funções das edificações, substituições de usos do solo e transformações da paisagem, fundamentando-se nas categorias de forma, função e processo propostas por Santos (2002; 2006; 2008).

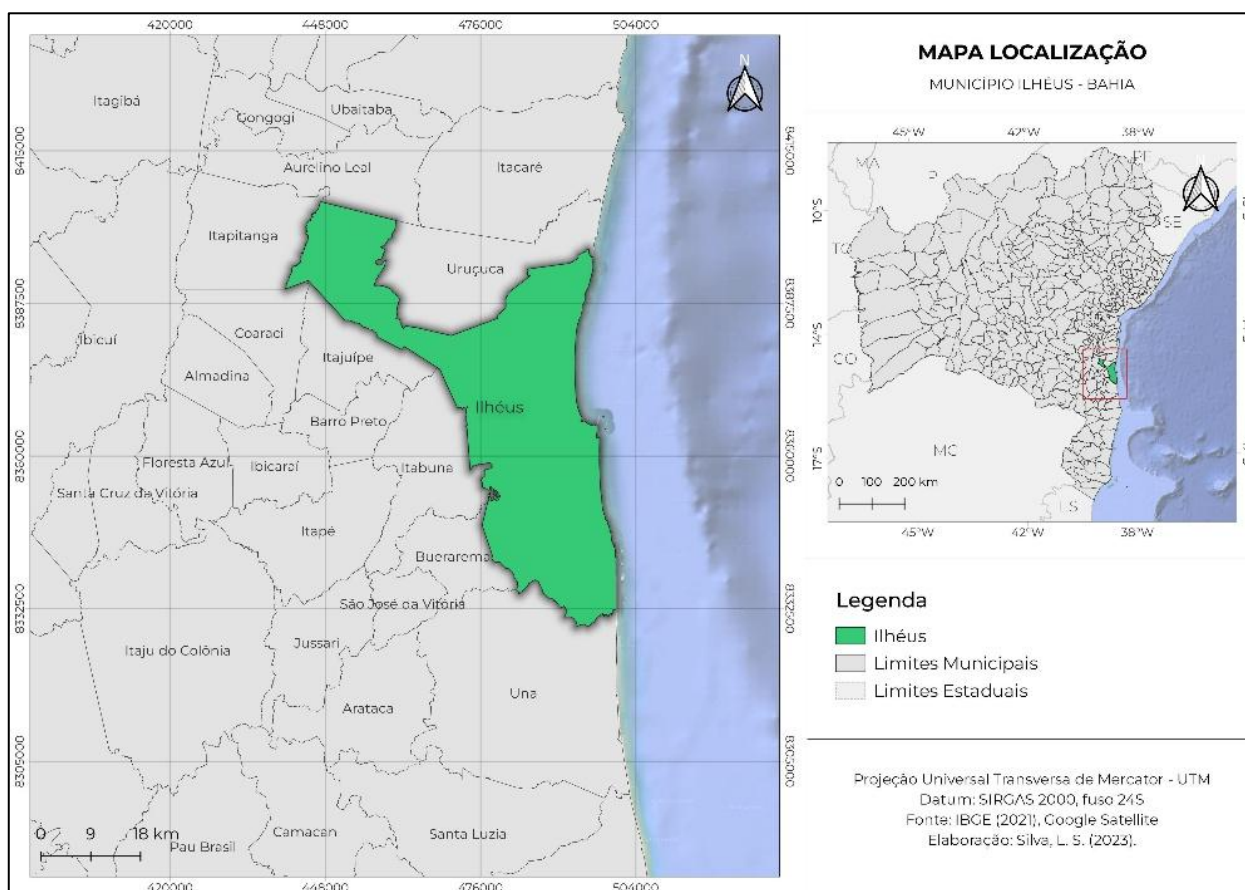
As entrevistas semiestruturadas têm como finalidade compreender a percepção dos diferentes sujeitos acerca das transformações decorrentes da construção da Ponte Jorge Amado. Os participantes são selecionados por amostragem não probabilística do tipo Bola de Neve, conforme Vinuto (2014), iniciando-se com moradores antigos indicados por lideranças locais e ampliando-se mediante sucessivas indicações. Integram o universo da pesquisa moradores residentes no bairro há pelo menos dez anos, ex-moradores que viveram na localidade antes da construção da ponte, comerciantes estabelecidos no Cidade Nova, representantes do mercado imobiliário e lideranças comunitárias. A coleta será encerrada quando for alcançada a saturação teórica, isto é, quando novas entrevistas deixarem de acrescentar informações relevantes aos objetivos da investigação.

Os dados produzidos serão submetidos à Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2016), desenvolvida nas etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação dos resultados. As categorias analíticas são definidas a partir do referencial teórico e dos objetivos da pesquisa, abrangendo conceitos como território, paisagem, lugar, mobilidade urbana, valorização imobiliária, uso do solo, centralidade e as categorias de forma, função e processo urbano. Por fim, as informações obtidas nas entrevistas serão confrontadas com os registros fotográficos, os mapas, os documentos históricos e as observações de campo, por meio da triangulação de fontes, buscando ampliar a consistência analítica, fortalecer a interpretação dos dados e reduzir possíveis vieses na análise das transformações socioespaciais observadas.

BREVES REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES SOCIO-ESPACIAIS DO BAIRRO CIDADE NOVA – ILHÉUS-BA

O município de Ilhéus localiza-se no litoral sul do estado da Bahia (Figura 1), integrando a Região Geográfica Intermediária de Ilhéus-Itabuna. Possui área territorial de aproximadamente 1.584 km² e população de 178.703 habitantes, conforme o Censo Demográfico de 2022 do IBGE.

Figura 1 – Localização do município de Ilhéus no estado da Bahia



FONTE: IBGE (2024), adaptado pela autora.

Sua localização estratégica, associada à presença do porto, do aeroporto e da ligação com importantes eixos rodoviários, conferiu ao município papel de destaque na organização econômica e urbana da região sul-baiana (IBGE, 2022).

O mapa (figura 1) apresenta a localização do município de Ilhéus na região sul do estado da Bahia, destacando sua posição no litoral atlântico e sua inserção no contexto regional. O município constitui a área de abrangência da pesquisa, sendo o bairro Cidade Nova o recorte espacial de análise das transformações socioespaciais associadas à construção da Ponte Jorge Amado.

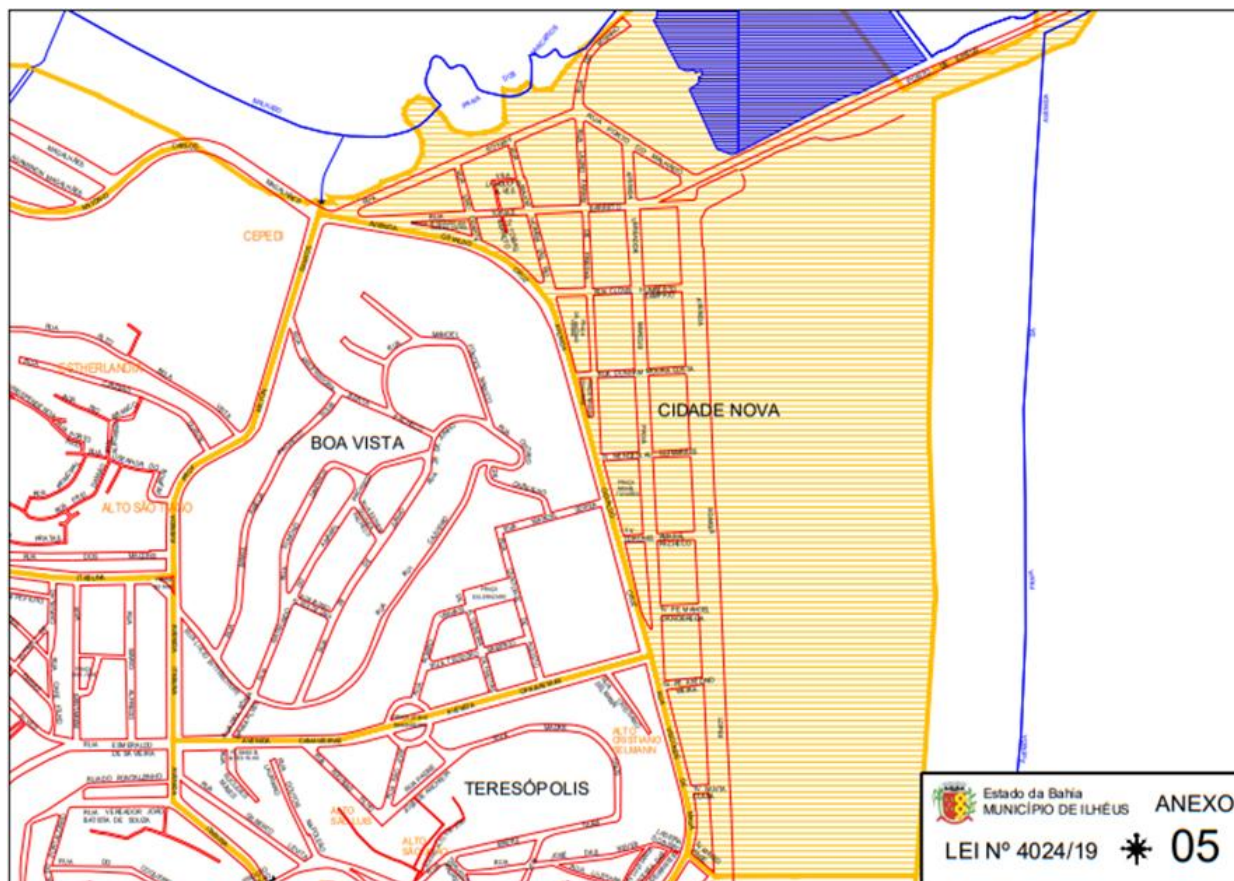
A formação socioespacial de Ilhéus está intimamente relacionada à expansão da lavoura cacaueteira. Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o cacau consolidou-se como a principal atividade econômica regional, impulsionando a urbanização, a implantação de equipamentos públicos, a abertura de novas vias e a construção de bairros planejados destinados às elites econômicas do período. A cidade passou a refletir, em sua organização espacial, as relações de poder estabelecidas pela economia cacaueteira, cujas marcas permanecem materializadas na paisagem urbana contemporânea (Rangel; Thevenin, 2021).

Com a crise da cacauicultura, intensificada a partir do final da década de 1980 pela disseminação da vassoura-de-bruxa, Ilhéus iniciou um processo de reestruturação econômica e urbana. Segundo Rangel e Thevenin (2021), o município passou de um modelo agrário-exportador para uma economia baseada predominantemente no comércio e nos serviços, sem experimentar um processo significativo de industrialização. Paradoxalmente, mesmo apresentando redução no crescimento populacional, a cidade expandiu seu tecido urbano por meio da verticalização, da implantação de condomínios fechados e da ocupação de novos eixos rodoviários, configurando uma cidade estendida e dispersa territorialmente.

Nessa perspectiva, Trindade (2011) ressalta que o processo de expansão urbana de Ilhéus deve ser compreendido a partir da articulação entre diferentes temporalidades e das novas formas de produção do espaço, evidenciando a dispersão urbana ao longo dos principais corredores de circulação e a crescente integração com Itabuna. Essa dinâmica demonstra que o espaço urbano ilheense resulta da sobreposição de permanências históricas e de novas racionalidades territoriais, nas quais infraestrutura, mobilidade, mercado imobiliário e reconfiguração das centralidades desempenham papel fundamental na produção do espaço contemporâneo.

É nesse contexto histórico e urbano que se insere o bairro Cidade Nova (Figura 2), concebido originalmente como um bairro planejado para atender à elite cacaueteira e que, nas últimas décadas, vem passando por significativas transformações socioespaciais. A implantação da Ponte Jorge Amado constitui um dos principais marcos desse processo, ao intensificar os fluxos urbanos, ampliar a acessibilidade e favorecer novas dinâmicas de uso e ocupação do solo, aspectos que orientam a presente pesquisa.

Figura 2– Delimitação territorial do bairro Cidade Nova, no perímetro urbano de Ilhéus (BA)



FONTE: Prefeitura Municipal de Ilhéus. Lei Municipal nº 4.024, de 19 de dezembro de 2019 (Plano Diretor Participativo), Anexo 05. Adaptado pelos autores (2026).

O mapa apresenta a delimitação territorial do bairro Cidade Nova, conforme estabelecida pelo Plano Diretor Participativo de Ilhéus, evidenciando sua localização no perímetro urbano e sua relação com os bairros adjacentes. A área delimitada constitui o recorte espacial adotado para a análise das transformações socioespaciais associadas à construção da Ponte Jorge Amado.

Compreender as transformações socioespaciais decorrentes da construção da Ponte Jorge Amado (Figura 3), no bairro Cidade Nova em Ilhéus (BA), exige a articulação dos conceitos de natureza, paisagem, lugar e território, bem como a incorporação de referenciais críticos sobre modernidade, poder e disputas territoriais. A literatura geográfica e interdisciplinar oferece, assim, bases teóricas que permitem interpretar a mudança urbana como fenômeno multiescalar, histórico e profundamente social.

Figura 3 – Ponte Jorge Amado como elemento estruturador das transformações na dinâmica socioespacial do bairro Cidade Nova, Ilhéus (BA)



FONTE: Acervo dos autores (2026).

A Figura 3 evidencia a Ponte Jorge Amado como um importante elemento estruturador da reorganização espacial de Ilhéus. Além de estabelecer uma nova conexão entre a área central e a zona sul do município, a obra intensificou os fluxos de pessoas e veículos, ampliou a acessibilidade e contribuiu para a reconfiguração dos usos do solo no bairro Cidade Nova. Nesse contexto, observa-se a progressiva substituição de funções predominantemente residenciais por atividades comerciais e de serviços, revelando transformações na dinâmica socioespacial decorrentes da implantação desse importante equipamento de mobilidade urbana (Figuras 4 a 7).

Figura 4 – Ponte Jorge Amado e a reestruturação da mobilidade urbana em Ilhéus (BA)



FONTE: Acervo dos autores (2026).

A figura 4 demonstra a conexão estabelecida pela Ponte Jorge Amado entre a zona Sul, a área central e o bairro Cidade Nova de Ilhéus, promovendo uma nova configuração dos fluxos urbanos. Na perspectiva de Santos (2008), a ponte representa uma nova forma espacial que reorganiza as funções urbanas ao ampliar a acessibilidade e intensificar a circulação de pessoas, mercadorias e serviços. Esse processo desencadeia transformações na estrutura urbana, favorecendo mudanças no uso e na ocupação do solo, valorização imobiliária e expansão das atividades comerciais e de serviços no bairro Cidade Nova.

Figura 5 – Transformação da forma urbana e implantação de novo empreendimento comercial



FONTE: Acervo dos autores (2026).

A figura 5 registra a substituição de antigas edificações residenciais pela construção de um empreendimento comercial (delicatessen), evidenciando uma alteração na forma do espaço urbano. Conforme Santos (2008), a produção do espaço ocorre por meio da constante articulação entre forma, função e processo. Nesse caso, a demolição das residências e a construção de um novo edifício revelam um processo de reestruturação espacial impulsionado pela valorização imobiliária e pela intensificação dos fluxos decorrentes da implantação da Ponte Jorge Amado.

Figura 6 – Permanência da forma e mudança da função do imóvel no bairro Cidade Nova



FONTE: Acervo dos autores (2026).

A imagem demonstra um imóvel cuja forma arquitetônica residencial permanece preservada, porém sua função foi modificada, passando a abrigar uma clínica especializada. Segundo Santos (2008), a forma pode permanecer relativamente estável enquanto sua função se altera em resposta às novas demandas econômicas e sociais. Essa mudança expressa o processo de transformação funcional do bairro Cidade Nova, caracterizado pela substituição gradual do uso residencial por atividades voltadas à prestação de serviços.

Figura 7– Antigo casarão adaptado para abrigar a Delegacia Especial de Atendimento à Mulher no bairro Cidade Nova, Ilhéus (BA)



FONTE: Acervo dos autores (2026).

A instalação da Delegacia Especial de Atendimento à Mulher no bairro Cidade Nova exemplifica o processo de transformação funcional do espaço urbano. Embora o imóvel tenha passado por reformas e adaptações arquitetônicas para atender às necessidades da instituição, sua forma original foi preservada, caracterizando predominantemente uma mudança de função, e não a substituição da forma espacial.

Na perspectiva de Santos (2008), forma e função mantêm uma relação dinâmica, na qual uma mesma forma pode assumir novas funções ao longo do tempo, respondendo às transformações econômicas, sociais e institucionais. Nesse caso, o antigo casarão residencial passou a desempenhar uma função pública voltada à segurança e à proteção das mulheres, evidenciando um processo de reconfiguração dos usos do solo sem ruptura significativa da morfologia urbana. A incorporação desse equipamento reforça a centralidade do bairro Cidade Nova e amplia sua concentração de serviços públicos, expressando a contínua reorganização da dinâmica socioespacial.

Em conjunto, as Figuras 4 a 7 evidenciam transformações materiais e funcionais observadas durante a pesquisa de campo, permitindo relacionar empiricamente as categorias de forma, função e processo propostas por Santos (2008). Os registros indicam tanto a permanência de formas arquitetônicas com novos usos quanto a substituição de edificações residenciais por empreendimentos comerciais e institucionais, revelando mudanças na dinâmica socioespacial do bairro.

Maria Geralda de Almeida (2004), ao discutir a “reinvenção da natureza”, destaca que a natureza não pode ser entendida como um dado fixo, mas como construção simbólica e cultural. A autora afirma que “a natureza é uma invenção cultural, uma construção simbólica que expressa o modo como os grupos sociais se percebem e se situam no mundo” (Almeida, 2004, p. 42). Tal perspectiva permite compreender que as intervenções urbanas — como a ponte estaiada — produzem novas interpretações sobre o espaço e ressignificam a paisagem, densificando o espaço de objetos técnicos, capazes de superar os limites impostos pela natureza. No caso de Ilhéus, a paisagem do rio Cachoeira e da Baía do Pontal deixam de ocupar apenas um papel funcional e cotidiano para adquirir valor estético, estratégico e econômico, associado aos discursos de modernidade e requalificação urbana.

Essa mudança promove a transição do bairro Cidade Nova de um espaço predominantemente residencial para um espaço reorientado ao comércio, aos serviços e à circulação. Ao destacar que a paisagem é simultaneamente material e simbólica (Almeida, 2004, p. 49), a autora oferece uma lente para interpretar a paisagem pós-ponte,

marcada pela coexistência de fluxos intensificados, requalificação de vias e novos usos econômicos.

Esse entendimento dialoga com a concepção de Milton Santos (2006), que define paisagem como o conjunto de formas produzidas em diferentes momentos históricos que coexistem no presente, e espaço como o resultado indissociável da interação entre objetos e ações. Segundo o autor, “a paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes” (Santos, 2006, p. 67), mas essas formas assumem funções atualizadas conforme as necessidades contemporâneas. No caso de Cidade Nova, antigos casarões residenciais — testemunhos do ciclo cacauero — passam a abrigar estabelecimentos comerciais, restaurantes, bares, cafés, clínicas, escritórios, ajustando-se às novas demandas da cidade conectada pela ponte. Assim, a paisagem traduz o movimento de permanências e rupturas que caracteriza a dinâmica urbana.

O debate sobre modernidade e racionalidade urbana encontra desdobramentos na perspectiva de Aníbal Quijano (2005), que analisa a colonialidade do poder como estrutura persistente nas sociedades latino-americanas. Para o autor, “a modernidade foi também colonial desde seu ponto de partida” (Quijano, 2005, p. 124), revelando que a modernização urbana frequentemente carrega distinções sociais e hierarquias herdadas do passado colonial. No contexto de Ilhéus, a ocupação histórica da Cidade Nova por coronéis e elites cacaueras evidencia como o controle do espaço urbano expressa poder e exclusão, reproduzindo desigualdades mesmo quando ressignificado sob o discurso do progresso.

A construção da Ponte Jorge Amado pode, assim, ser interpretada como expressão contemporânea dessa modernidade eurocêntrica, que valoriza a estética, a fluidez e a circulação como parâmetros de modernização urbana, muitas vezes deslocando usos tradicionais e afetando identidades territoriais. A reestruturação do bairro — agora marcado por intensa valorização imobiliária e expansão comercial — reflete o que Quijano (2005, p. 120) reconhece como continuidade da colonialidade na produção do espaço urbano, em que o capital redefine práticas e reorganiza territórios.

As reflexões de Rogério Haesbaert (2004) contribuem diretamente para compreender essas disputas pelo espaço. Para o autor, o território resulta de relações de poder que produzem limites, usos e conflitos, sendo uma construção dinâmica atravessada por múltiplas territorialidades. A transformação do Cidade Nova após a ponte expressa um processo de territorialização (expansão de atividades econômicas e circulação), desterritorialização (enfraquecimento de vínculos residenciais e afetivos) e

reterritorialização (instalação de novas funções e significados). Haesbaert (2004, p. 278) afirma que “o território é sempre o resultado de relações de poder que produzem limites, mas também resistências”. No Cidade Nova, essas resistências aparecem nos moradores que tentam preservar práticas comunitárias e memórias locais, mesmo diante de novas territorialidades impostas pelo mercado e pelo Estado.

A visão de território como espaço político e normativo também é reforçada por Claude Raffestin (1993), que compreende o território como resultado da apropriação do espaço por meio de relações de poder, normas e controle. Para o autor, “território é o espaço delimitado pela ação do poder, onde se definem recursos, usuários, fluxos e regras” (Raffestin, 1993, p. 143), permitindo interpretar a ponte como instrumento de reorganização territorial, que redefine fluxos entre o Centro, Cidade Nova e Zona Sul, e produz novos limites e hierarquias.

Complementarmente, o conceito de lugar, enquanto dimensão vivida e carregada de afetos, é fundamental para compreender as tensões entre o passado residencial do bairro e sua atual configuração comercial. Yi-Fu Tuan (2013) destaca que o lugar é moldado pelas experiências, valores e memórias, funcionando como “campo da vida cotidiana”. A transição funcional do bairro impacta diretamente esse campo, alterando vínculos identitários, relações de vizinhança e sentimentos de pertencimento.

Essa dimensão subjetiva é captada pela história oral, como propõe Paul Thompson (1998), cuja contribuição é essencial para compreender as vivências, narrativas e memórias dos moradores antigos. A história oral revela impactos da ponte que não aparecem nos documentos oficiais ou nas análises quantitativas, como transformações nas relações sociais, perda de referências simbólicas e percepções de insegurança ou estranhamento diante da nova dinâmica urbana.

Dessa maneira, a literatura demonstra que as mudanças observadas no bairro Cidade Nova não podem ser entendidas apenas como resultado da construção de uma infraestrutura, de um sistema de engenharia (Santos, 2002) mas como processo socioespacial complexo, que envolve disputas territoriais, ressignificação paisagística, tensões identitárias e deslocamentos de poder. A ponte, mais que um objeto técnico, atua como agente de reorganização simbólica, econômica e política, produzindo novas formas de viver e perceber o espaço urbano.

Em síntese, os aportes teóricos discutidos – Almeida (2004), Santos (2002, 2006, 2008), Quijano (2005), Haesbaert (2004), Raffestin (1993), Tuan (2013), Thompson (1998) – oferecem uma compreensão articulada da relação entre materialidade e simbolismo,

entre poder e territorialização, entre modernização e memória. Essa integração permite analisar a dinâmica socioespacial do Cidade Nova como tradução espacial da tensão entre o planejado e o vivido, entre o global e o local, e entre a racionalidade técnica e as experiências cotidianas dos sujeitos.

DISCUSSÕES E EVIDÊNCIAS PRELIMINARES DA PESQUISA

A presente discussão articula o referencial teórico da pesquisa às evidências preliminares obtidas durante o processo investigativo, ainda em fase de coleta de dados. As análises aqui apresentadas fundamentam-se nas observações diretas realizadas pela autora, nos registros fotográficos produzidos em campo, na análise documental e no levantamento bibliográfico. Essas evidências não constituem resultados conclusivos, mas representam indicativos importantes das transformações socioespaciais em curso no bairro Cidade Nova, permitindo um diálogo inicial entre a teoria e a realidade observada.

A literatura geográfica compreende as grandes obras de infraestrutura como elementos capazes de reconfigurar o espaço urbano ao reorganizar fluxos, acessibilidades e centralidades (Santos, 2006; Raffestin, 1993). No contexto de Ilhéus, as observações de campo evidenciam que a Ponte Jorge Amado vem desempenhando esse papel ao estabelecer uma nova conexão entre a área central e a zona sul do município, intensificando a circulação de pessoas, mercadorias e serviços. Conforme Raffestin (1993), o território é produto de relações de poder, nesse sentido, a ponte pode ser compreendida como um objeto técnico que interfere nas formas de apropriação do espaço, influenciando a redefinição dos usos urbanos e favorecendo a atuação de novos agentes econômicos.

As imagens registradas durante a pesquisa revelam mudanças significativas na paisagem urbana, corroborando a concepção de Santos (2006) de que a paisagem expressa a coexistência de diferentes temporalidades e materializa os processos históricos de transformação do espaço. As fotografias evidenciam a substituição de antigas residências por novos empreendimentos comerciais, a adaptação de imóveis originalmente residenciais para atividades de prestação de serviços e a implantação de novos equipamentos públicos. Essas transformações ilustram, na perspectiva de Milton Santos (2008), a relação dinâmica entre forma, função e processo, demonstrando que o espaço urbano se modifica continuamente em resposta às mudanças econômicas, sociais e técnicas.

Sob essa perspectiva, as observações de campo indicam que a construção da Ponte Jorge Amado tem contribuído para redefinir a dinâmica funcional do bairro Cidade Nova. A manutenção da forma arquitetônica de determinados imóveis, acompanhada da alteração de sua função, como residências convertidas em clínicas, escritórios e estabelecimentos comerciais, assim como a substituição completa de edificações por novos empreendimentos, evidenciam um processo contínuo de reorganização espacial. Essas mudanças refletem a incorporação de novas funções urbanas e reforçam o papel da infraestrutura como elemento indutor da produção e reprodução do espaço geográfico.

Os registros fotográficos também evidenciam a intensificação da ocupação comercial ao longo dos principais eixos viários conectados à ponte, indicando um processo de valorização imobiliária e de reconfiguração dos usos do solo. Essa dinâmica dialoga com Harvey (2006; 2008), ao demonstrar que investimentos em infraestrutura urbana constituem importantes mecanismos de reprodução da acumulação capitalista, promovendo a reestruturação espacial, a valorização de determinadas áreas e a concentração de investimentos em locais estrategicamente favorecidos pela ampliação da acessibilidade.

Além das transformações materiais, as evidências observadas permitem compreender mudanças na dimensão simbólica da paisagem. Conforme Almeida (2004), as alterações espaciais também produzem novas formas de representar e vivenciar o espaço. Nesse contexto, a Ponte Jorge Amado ultrapassa sua função de equipamento de mobilidade urbana, assumindo o papel de marco paisagístico e elemento estruturador de uma nova imagem da cidade, redefinindo a relação entre o bairro Cidade Nova, a baía e a zona sul de Ilhéus.

As evidências preliminares também permitem refletir sobre as desigualdades inerentes aos processos de modernização urbana. Na perspectiva de Quijano (2005), tais intervenções podem reproduzir padrões históricos de apropriação desigual do território, favorecendo determinados grupos sociais e econômicos. Embora a pesquisa ainda esteja em desenvolvimento, as observações realizadas indicam a intensificação da pressão imobiliária sobre áreas tradicionalmente residenciais e a expansão das atividades comerciais e de serviços, configurando transformações que deverão ser aprofundadas nas etapas subsequentes da investigação.

Sob a ótica de Haesbaert (2004), essas mudanças revelam a coexistência de múltiplas territorialidades no bairro Cidade Nova, onde se articulam interesses dos moradores tradicionais, do mercado imobiliário, do poder público e dos novos

empreendimentos econômicos. As observações de campo indicam que tais territorialidades convivem de forma dinâmica, evidenciando processos simultâneos de permanência, adaptação e redefinição dos usos do espaço.

Por sua vez, a categoria lugar, discutida por Thompson (1998) e Souza (2020), contribui para compreender que essas transformações extrapolam a dimensão física do espaço. As observações realizadas durante a pesquisa sugerem alterações nas formas de vivenciar o bairro, em sua identidade e em seu sentido de pertencimento, aspectos que serão aprofundados por meio das entrevistas e da história oral nas próximas etapas da investigação.

Assim, as evidências preliminares produzidas durante a pesquisa de campo, associadas ao referencial teórico adotado, indicam que a Ponte Jorge Amado tem desempenhado papel relevante na reconfiguração da dinâmica socioespacial do bairro Cidade Nova. As observações diretas, os registros fotográficos e a análise documental apontam para mudanças nos fluxos urbanos, na paisagem, na valorização imobiliária e nos usos do solo, sem que essas constatações sejam compreendidas como resultados definitivos. Ao contrário, constituem evidências iniciais que orientam a continuidade da investigação e serão posteriormente confrontadas com os dados produzidos por meio das entrevistas, da análise documental e dos demais procedimentos metodológicos previstos na pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões desenvolvidas neste estudo, articuladas às evidências empíricas preliminares obtidas por meio da revisão bibliográfica, da pesquisa documental, das observações de campo e dos registros fotográficos realizados durante a investigação, indicam que a construção da Ponte Jorge Amado constitui um elemento relevante para a compreensão das transformações socioespaciais em curso no bairro Cidade Nova, em Ilhéus (BA). Embora a pesquisa ainda esteja em fase de coleta e sistematização dos dados, as evidências observadas sugerem mudanças na organização dos fluxos urbanos, na paisagem e nos usos do solo, aspectos que serão aprofundados nas etapas seguintes da investigação.

À luz das categorias de território, paisagem e lugar, verifica-se que a implantação da ponte pode estar relacionada à reorganização das centralidades urbanas, à valorização de determinadas áreas e à redefinição das funções desempenhadas pelo bairro. As observações de campo e os registros iconográficos revelam indícios da

substituição gradual de usos predominantemente residenciais por atividades comerciais e de serviços, bem como da adaptação de edificações existentes a novas funções. Entretanto, tais evidências ainda demandam validação por meio das entrevistas, da análise documental ampliada e do cruzamento das diferentes fontes de dados previstas na pesquisa.

O referencial teórico adotado, especialmente as contribuições de Santos (2002; 2006; 2008), Raffestin (1993), Almeida (2004), Haesbaert (2004), Quijano (2005) e Harvey (2006; 2011), oferece suporte analítico para compreender essas transformações como parte de processos mais amplos de produção e reconfiguração do espaço urbano. Nesse sentido, a Ponte Jorge Amado pode ser interpretada não apenas como uma infraestrutura de mobilidade, mas como um objeto técnico que influencia dinâmicas territoriais, econômicas, sociais e simbólicas, cuja magnitude e desdobramentos ainda serão analisados ao longo da pesquisa.

Dessa forma, este estudo não pretende apresentar conclusões definitivas, mas contribuir para a construção de uma interpretação inicial acerca das transformações observadas no bairro Cidade Nova. As evidências preliminares reforçam a pertinência do problema de pesquisa e da hipótese formulada, ao mesmo tempo em que evidenciam a necessidade de aprofundamento das análises empíricas. Espera-se que a continuidade da investigação, especialmente por meio das entrevistas, da análise de conteúdo e da integração entre dados cartográficos, documentais e observacionais, permita compreender de maneira mais consistente como a construção da Ponte Jorge Amado tem influenciado a dinâmica socioespacial do bairro, suas territorialidades, a valorização imobiliária, as mudanças nos usos do solo e os processos de permanência e transformação da paisagem urbana.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. 5. ed., Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.
- ALMEIDA, M. G. A reinvenção da natureza. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 17-18, p. 41-53, jan./dez. 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7847>. Acesso em: 10 jun. 2026
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. 3. ed., São Paulo: Perspectiva, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 3. ed., São Paulo: Ática, 1995.

FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Orgs.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2026.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Ed. estabelecida por Michel Senellart. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HAESBAERT, R. Territórios em disputa: desafios da lógica espacial zonal na luta política. In: HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 271–296.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

ILHÉUS. **Lei nº 4.024, de 3 de julho de 2019**. Ilhéus: Prefeitura Municipal de Ilhéus, 2019. Disponível em: Sistema de Apoio ao Processo Legislativo (SAPL) – Lei nº 4.024/2019. Acesso em: 15 jul. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**: população e domicílios: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Éditions Anthropos, 1974.

LENCIONI, S.; TRINDADE JR., S. C. **Pesquisa socioespacial**: reflexões sobre métodos e técnicas de investigação científica. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2024.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117–142. Disponível em: <https://libreria.clacso.org/publicacion.php?p=164&c=13>. Acesso em: 10 jun. 2026.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RANGEL, M. C.; THEVENIN, J. M. R. Para além da crise cacaueira: a expansão dos condomínios fechados em Ilhéus-BA: uma análise preliminar da cidade estendida. **Revista Laboratório de História e Geografia (RLAHIGE)**, v. 1, n. 1, p. 153-177, nov. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36113/rlahige.v1i1.3293>. Acesso em: 10 jun. 2026.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2008.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2002.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SOUB, J. N. P. **Minha Ilhéus**: fotografia do século XX e um pouco de nossa história. 3. ed. Ilhéus/Itabuna: Via Litterarum, 2013.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TRINDADE, G. A. **Aglomerção Itabuna – Ilhéus**: cidade, região e rede urbana. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011. Disponível em:
https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5438/1/GILMAR_ALVES_TRINDADE.pdf Acesso em: 04 jul. 2026.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em:
<https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 10 jun. 2026.